

Presidente da CAD e sua família sob fortes ameaças dos esquadrões da morte

- A CAD é a coligação que viu a sua candidatura chumbada pela CNE e CC por ter apoiado o candidato presidencial Venâncio Mondlane. O seu presidente, Manecas Daniel, está em pate incerta por temer pela vida.
- Na noite de 22 de Novembro, a irmã de Manecas Daniel foi sequestrada para forçá-la a revelar o paradeiro do irmão. No mesmo dia, homens fortemente armados, com rostos cobertos e vestindo trajes civis, mas identificados como membros da Unidade de Intervenção Rápida (UIR), invadiram a casa de Manecas Daniel, interrogaram a mulher dele e confiscaram todos os telemóveis.



O presidente da Coligação Aliança Democrática (CAD), Manecas Daniel, e sua família estão a viver dias difíceis devido a constantes ameaças, incluindo de morte, por indivíduos que se identificam como membros da Unidade de Intervenção Rápida (UIR), uma unidade da Polícia da República de Moçambique (PRM), usada para fazer o serviço sujo do regime, como seja o assassinato de vozes críticas à governação, como aconteceu com o assassinato do activista Anastácio Matavel.

Temendo pela vida, Manecas Daniel, abandonou a sua residência e se encontra em parte incerta. Quando os referidos agentes, também conhecidos como esquadrões da morte, tomaram conhecimento do desaparecimento de Manecas Daniel, começaram a ameaçar a família que está, neste momento, em pânico.

A CAD é a coligação que viu a sua candidatura chumbada pela Comissão Nacional de Eleições (CNE) e pelo Conselho Constitucional, quando os dois órgãos se aperce-

beram que seria a plataforma que iria suportar a candidatura de Venâncio Mondlane à Presidência da República.

Mesmo depois do chumbo da candidatura, a CAD e Manecas Daniel continuaram a apoiar Venâncio Mondlane. As ameaças a Manecas Daniel devem ser entendidas no quadro de um regime intolerante e autoritário que não se conforma com os preceitos básicos da democracia, e que se mantém no poder por via da força, sobretudo por ter capturado as instituições, por isso contestado pelo povo nas ruas.

Ameaças como forma de desencorajar apoio a Venâncio Mondlane

Quando a coligação FRENAMO se uniu para combater Venâncio Mondlane, impedindo-o de concorrer à presidência da Renamo, para por via daquele partido concorrer às presidenciais de 9 de Outubro, a CAD apresentou-se como plataforma de suporte a Venâncio Mondlane, mas a candidatura da coligação para as legislativas e provinciais foi liminarmente rejeitada pela CNE e pelo CC, com recurso a argumentos sem amparo legal. Perante o chumbo da candidatura da CAD, Mondlane juntou-se ao partido Povo Optimista para o

Desenvolvimento de Moçambique (PODEMOS), partido pelo qual concorreu às presidenciais. Ainda assim, Manecas Daniel continuou a apoiar Venâncio Mondlane. O facto intensificou as ameaças que vinha recebendo desde a altura que decidiu apoiar Mondlane. Depois das eleições, altamente contestadas devido a denúncias de fraude, viu-se cercado, o que forçou a sua saída de casa, por temer pela vida, pois já havia ameaças de morte, principalmente depois de 21 de Outubro, quando começaram os protestos de rua.



Sequestro da irmã e invasão à sua residência

Quando os esquadrões da morte tomaram conhecimento de que Manecas Daniel não mais estava na sua residência, começou o cerco à sua família, com o mesmo objectivo: obrigá-lo a desistir de apoiar Venâncio Mondlane. Segundo uma denúncia da família, na noite do dia 22 de Novembro, a irmã de Manecas Daniel foi sequestrada, numa tentativa de pressão para localizar aquele dirigente político. Na mesma noite, segundo a família, homens fortemente armados, com rostos cobertos e vestindo trajes civis, mas identificados como membros da UIR, invadiram a casa de Manecas Daniel. Durante a invasão interrogaram a sua esposa e confiscaram todos os telemóveis, gerando grande pânico e uma noite de absoluto terror.

Ameaças são a marca de um regime que quer manter uma relação forçada com o povo

As ameaças, incluindo de morte, que muitas vezes se acabam consumando, como aconteceu com o assassinato de figuras como o activista Anastácio Matavele, o Prof. Gilles Cistac, são a marca de um regime que, tendo conseguido fazer com que o Estado se demitisse de garantir o mínimo ao povo, se divorciou desse mesmo povo, para se manter no poder usa a força, a fraude e a manipulação, uma agenda que se torna fácil, visto que também controla as instituições e enfraqueceu a oposição.

Ameaças em tempos de crise

São práticas como as ameaças e a manutenção no poder contra a vontade popular que mergulharam o país numa crise política e de direitos humanos sem precedentes, com o país paralisado e o povo nas ruas, desde 21 de Outubro, em protestos convocados por Venâncio Mondlane contra os resultados eleitorais anunciados em 24 de Outubro pela CNE. Mondlane diz que venceu as eleições e rejeita os resultados que dão vitória à Frelimo e ao seu candidato, Daniel Chapo. Perante a crise sem fim à vista, multiplicam-se apelos para o diálogo que deve conduzir a uma reforma profunda do Estado.




Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.

Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.

INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – CENTRO PARA DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungo
Autores: CDD
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

